

# POR UMA ABORDAGEM DA LEITURA/ESCRITA CENTRADA NAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Marianka de Souza Gonçalves  
Universidade Federal de Campina Grande  
PIBIC, CNPq

*Resumo: Considerando a intertextualidade como um fator que auxilia no desenvolvimento da compreensão e produção de textos, este trabalho se insere nos estudos que buscam alternativas de ensino da escrita, orientado pelas contribuições da lingüística textual. Nesse quadro, descrevemos os resultados de uma intervenção didática centrada na prática das relações intertextuais, realizada com uma turma de segunda série do ensino médio. A análise dos resultados, embora revele uma evolução na prática de escrita dos informantes, aponta para a necessidade de se fazer avançar o nível de utilização dos mecanismos de escrita e de reflexão crítica em que se encontra o alunado-alvo.*

## 0. Introdução

O estado atual do desenvolvimento de teorias lingüísticas, em particular das teorias de escrita, tem contribuído para a reflexão da prática docente de língua materna no ensino fundamental e médio. Uma dessas contribuições é a preocupação com o desenvolvimento da competência textual-discursiva dos alunos, conhecimento que tem fornecido subsídios para reorientar o ensino de produção textual numa visão que enfoca o uso da língua, em lugar de sua acentuada descrição metalingüística.

Um aspecto relevante para o desenvolvimento da competência textual-discursiva é o conhecimento dos diferentes tipos de intertextualidade com suas distintas funções. No entanto, este importante recurso do texto tem sido encarado nas aulas de leitura/escrita como mera curiosidade e, como tal, costuma ser apenas assinalada sem que se explore o porquê da presença de um texto em outro texto.

Este trabalho apresenta os resultados obtidos na segunda etapa de uma pesquisa\* que teve como objetivos diagnosticar como os alunos utilizavam os

---

\* O trabalho descrito neste artigo fez parte do subprojeto *Escrita e ensino: seqüência didática sobre as relações intertextuais em textos de opinião* (PIBIC, CNPq – UFCG/2002), que integra o

mecanismos lingüísticos para marcar a prática das relações intertextuais; e avaliar os efeitos de uma ação de ensino do texto de opinião centrada na prática da intertextualidade.

Os dados de produção de texto coletados, na primeira fase da pesquisa, permitiram-nos constatar que os alunos eram familiarizados apenas com enunciações que representavam o saber comum da coletividade, ou com a transcrição literal de informações retiradas dos textos lidos antes da produção, sem a utilização de mecanismos de registro das relações intertextuais utilizadas pela norma padrão da língua (Gonçalves, 2002).

Neste quadro de ensino-aprendizagem, este artigo se atém à descrição dos resultados obtidos na pesquisa intervenção sobre a prática da intertextualidade implícita na produção do texto de opinião.

## 1. Fundamentação teórica

### 1.1 A Intertextualidade como um fator de construção de sentido na leitura e na produção de texto

A expressão *intertextualidade\**, ou a relação que um texto estabelece com outros textos, segundo Meserani (1995), foi criada pela semioticista Júlia Kristeva, nos anos sessenta, para assinalar o fenômeno da relação dialógica entre os textos. Embora não se trate de um conceito novo, principalmente no que concerne aos estudos literários, a intertextualidade ainda é pouco trabalhada entre os professores de língua, que, muitas vezes, a consideram como mera curiosidade do texto, como acentua Beserra (2002).

Conforme Vigner (1988), trata-se de um fator de grande relevância na compreensão do texto, e na legibilidade dos gêneros textuais que regula as expectativas do leitor na construção de sentidos. Por essa razão, Beaugrande e Dressler (1981, apud Koch, 1997) mencionam a intertextualidade como um dos critérios de textualidade, que inclui as diferentes formas pelas quais a produção e recepção de um texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos autores e leitores respectivamente, que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos previamente existentes.

As várias formas que as relações intertextuais podem assumir, como se verá a seguir, fazem da intertextualidade um dos recursos mais recorrentes na linguagem. Sendo considerada por muitos autores como um recurso que *redistribui a linguagem* (Barthes 1974, apud Koch, 1997:46). E uma das formas dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem próximo do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo. Essa idéia

---

projeto *Escrita e ensino: a relação teoria/prática na formação do professor de língua materna*, coordenado pela profa. Dra. Maria Augusta G. de M. Reinaldo.

\* As primeiras formulações sobre o princípio da intertextualidade advêm do formalismo russo, na década de 30, com J. Tynianov e M. Bakhtin, a quem se devem as expressões *dialogismo* e *polifonia*.

exprime o fato que todo texto é um intertexto: outros textos estão presentes nele, em níveis diversificados, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

No entanto, é necessário que se delimite a intertextualidade, sob risco de esta prática perder sua eficácia. Piégay-Gros (1996, apud Beserra, 2002:80) estabelece algumas questões como forma de se demarcar os limites da intertextualidade:

1. *O que pode ser considerado um intertexto?*
2. *Quais as suas marcas?*
3. *Que traços específicos de um texto constituem sinal inequívoco de sua presença dentro de um outro texto?*

Para este autor, os limites do intertexto, definidos raramente com exatidão, têm relação com uma certa ambigüidade quanto à evidenciação e à utilização do recurso da intertextualidade, que engloba uma variedade de práticas e formas, como: citação, alusão, plágio, reescritura, paródia, pastiche, etc.

Koch (1997), ao discutir a questão da intertextualidade, propõe um modelo que organiza as relações intertextuais, conceituando essa prática em sentido amplo e em sentido restrito.

A primeira se dá de forma implícita, a partir do momento em que todo texto está presente em outro texto, aproximando-se do conceito de interdiscursividade, de Maingueneau (1976:36, apud Koch 1997:47), para quem *um discurso não vem ao mundo numa inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição.*

Quanto à intertextualidade em sentido restrito, a autora apresenta uma classificação a partir da consideração dos seguintes tipos de ocorrência:

1. De conteúdo X de forma/contéudo: o primeiro tipo ocorre entre textos de uma mesma área de conhecimentos, que utilizam conceitos e expressões já definidos, como por exemplo entre matérias de jornais diferentes que tratam de um mesmo assunto; o segundo tipo ocorre entre diversas matérias de um mesmo jornal sobre um determinado assunto, e entre textos literários de uma mesma escola, e/ou através da paródia ou da imitação.
2. Explícita X implícita: a primeira ocorre quando há citação da fonte do intertexto, e a segunda quando não há citação da fonte, como na paródia, na ironia e nas alusões.
3. Das semelhanças X das diferenças: a primeira se realiza quando o texto incorpora o intertexto para seguir-lhe a orientação argumentativa. Na segunda, o texto incorpora o intertexto para ridicularizá-lo.
4. Com intertexto alheio, com intertexto próprio ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico, conforme o intertexto remeta, especificamente, para o texto de outro autor, ou do próprio autor, ou seja, atribuído a um enunciador genérico, ou indeterminado. Neste último caso, as enunciações utilizadas fazem parte do repertório de uma comunidade, como os provérbios e ditos populares, situação em que se produz *uma enunciação-eco de um número ilimitado de enunciações anteriores do mesmo provérbio, cuja verdade é garantida pelo enunciador genérico, representante da opinião geral, da vox populi, do saber comum da coletividade (Koch, 1997:49).*

Salienta Koch que é através da comparação entre textos que se pode revelar as semelhanças de caráter formal ou estrutural entre determinados gêneros

textuais (intertextualidade tipológica), que estão guardados na memória dos usuários, fator que desempenhará papel preponderante no processo de produção e recepção textual. Assim, *qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto* (Kristeva, 1974, apud Koch, 1997:48).

Coracini (1991), por sua vez, observa que a intertextualidade possibilita que o autor de um texto utilize esse recurso como uma estratégia argumentativa de persuasão, e por extensão, no dizer de Vigner (1979, apud Coracini, 1991), torne o seu texto legível e sobretudo aceitável.

Não basta que a intertextualidade seja identificada no texto, é preciso que se verifique na sua forma de dar sentido à leitura, a possibilidade de ser oferecido ao aluno o acesso ao intertexto. Assim, a prática docente de língua materna, centrada no texto, permite refletir sobre as diversas possibilidades de uso da língua, notadamente sobre a forma como as relações intertextuais são exploradas na construção de sentido no texto escrito.

## **2. Aspectos metodológicos**

### **2.1 O contexto de obtenção dos dados**

Considerando a intertextualidade como um aspecto que facilita a construção de sentidos no texto, resolvemos aplicar uma seqüência didática, centrada na prática das relações intertextuais tendo em vista a produção de um artigo de opinião, com uma turma de alunos de segunda série do ensino médio, de uma escola estadual de Campina Grande, PB.

A seqüência didática constituiu-se de quatro oficinas de leitura/escrita, em que os alunos deveriam construir conhecimentos para a utilização dos mecanismos lingüísticos que permitem a prática das relações intertextuais, e de uma situação de produção de um artigo de opinião, em que esses mecanismos deveriam ser utilizados.

Esse conjunto de atividades fez parte do plano de desenvolvimento de um projeto global para o bimestre letivo, que tinha como objetivo familiarizar os alunos com a prática das relações intertextuais no artigo de opinião, e confeccionar um jornal do colégio, com vistas a disponibilizar aos alunos um suporte para a publicação de seus textos. As atividades de leitura e escrita estiveram vinculadas a dois blocos temáticos - a clonagem humana e o problema do alcoolismo na saúde pública brasileira.

Nesse contexto, a primeira oficina de leitura/escrita teve como objetivo levar os alunos a estabelecerem relações de conteúdo e de forma entre alguns textos lidos sobre o mesmo assunto, e a se manifestarem criticamente sobre o tema. A segunda oficina objetivou sensibilizar os alunos para a revisão de seus próprios textos - respostas produzidos na primeira oficina, incentivando-os à prática da reescrita e a perceber que a escrita não é um produto acabado, mas um processo que requer revisão. Já a terceira oficina teve como objetivo principal apresentar aos alunos algumas noções teóricas sobre a forma de se representar opiniões e/ou idéias de outrem, através do recurso gráfico das aspas, e em seguida, reconhecer seu uso nos textos de uma coletânea. Por último, foi realizada a quarta

oficina enfocando, mais uma vez, a prática das relações intertextuais, com o intuito de levar os alunos a relacionarem informações identificadas em um texto e a confrontarem pontos de vista de especialistas sobre o alcoolismo, com diferentes posições sobre o problema das drogas entre os jovens.

A análise aqui apresentada está centrada nos dados obtidos na situação de produção que se sucedeu ao conjunto de oficinas, e que foi marcada pelas seguintes atividades: inicialmente foi realizada a leitura de uma coletânea de textos de opinião sobre o tema *alcoolismo*, e seus diferentes fatores desencadeadores. A leitura/discussão dos textos foi dinamizada pela divisão da turma em grupos, que apresentaram oralmente as principais idéias dos textos, posicionando-se em relação às questões neles enfocadas.

Por fim, procedeu-se à solicitação da produção textual, orientada pela seguinte instrução:

Com base na leitura e discussão dos textos em sala de aula, nesta unidade, organize um artigo de opinião sobre o tema: *Alcoolismo e seus fatores desencadeadores: como enfrentar esse desafio da saúde pública brasileira?*

Lembrete: Observe as características da estrutura organizacional desse gênero textual argumentativo:

1-Apresentação do assunto e do posicionamento do autor. Ao se posicionar, o autor formula uma *tese* ou a *idéia principal do texto*.

2-Desenvolvimento de argumentos que fundamentem a tese. Cada argumento pode estabelecer relações de causa e efeito ou comparações entre situações, épocas e lugares diferentes; pode também se apoiar em depoimentos ou citações de pessoas especializadas no assunto abordado, em dados estatísticos, pesquisas, alusões históricas;

3-Apresentação de uma conclusão, que pode ser de dois tipos: *conclusão-resumo que retoma a tese, sintetizando as idéias gerais do texto, e conclusão-sugestão*, em que são feitas propostas para solução de algum problema.

A escolha do tema estudado com os alunos em sala, e sugerida por esta instrução para produção de texto, tinha por objetivo despertar nos alunos a natureza polêmica do artigo de opinião, que, geralmente, tem origem a partir da divergência de posicionamentos sobre um determinado assunto.

### **3. Análise e discussão dos resultados**

Para analisar os dados das produções dos alunos, foi necessário estabelecer critérios que classificassem as relações intertextuais, segundo as formas de intertextualidade consideradas em 1.1. A adoção dessa postura se justifica pelo fato de que a não fixação de critérios para análise significaria aceitar os textos produzidos pelos alunos por completo, dado que qualquer texto tem um certo grau de intertextualidade, o que poderia comprometer o valor da pesquisa. Dessa forma, a análise do desempenho dos alunos tomou por base as formas de realização da intertextualidade restrita, conforme a categorização proposta por Koch (1997). No entanto, neste artigo nos detemos em analisar os textos que contemplavam a intertextualidade explícita, implícita, das semelhanças e o intertexto atribuído a um enunciador genérico.

Um primeiro aspecto observado nos dados diz respeito ao recurso da intertextualidade implícita e das semelhanças. O texto a seguir, selecionado para ser publicado no jornal, ilustra uma das formas de atendimento à instrução, e contempla o uso dessa prática intertextual.

### Exemplo (1)

#### Alcoolismo e seus fatores desencadeadores

O álcool é uma droga como qualquer outra, porém, é uma droga sociável que a cada dia vem atraindo mais e mais pessoas a consumi-la. Mas o que levaria uma pessoa a beber? *São muitos os fatores que levam a pessoa a tomar o primeiro drinque, entre os quais estão os fatores físicos, mentais, sociais e espirituais.*

*Segundo Penny Wheeler, os fatores físicos se referem a má alimentação; vida sedentária, já que no dia a dia as pessoas estão ficando cada vez mais tensas e estão trocando exercícios físicos pelo álcool para aliviar suas tensões, como também a hereditariedade.*

Os fatores mentais estariam relacionados à falta de amor, ao desprezo, que levam muitas vezes um indivíduo a consumir álcool para esquecer que não é querido, achando assim que o álcool lhe trará solução para seus problemas.

Os fatores sociais relatam que um indivíduo ser consumidor de álcool por influência de amigos, parente e até pela mídia.

Os fatores espirituais relatam que uma pessoa com uma crença podem ter menos possibilidade de se tornar alcoólatra já estas pessoas, seguem princípios religiosos e percebem que o álcool em si não traz solução para seus problemas.

Médicos afirmam que a doença tem cura, apesar seu crescimento considerável no Brasil. *É bom lembrar que o alcoolismo é responsável por 75% de acidentes de trânsito com mortes, 39% de ocorrências policiais, além disso, 15% da população do país é alcoólatra.*

Muitas são as conseqüências no organismo, tais como: cirrose hepática, úlcera, desnutrição, intoxicação aguda, entre outras.

Enfim, o alcoolismo é uma doença que precisa ser tratada e quando uma pessoa se torna alcoólatra o melhor caminho é o tratamento nas entidades filantrópicas ou rede pública de hospitais, a participação na associação de alcoólicos anônimos, entre outros. Mas a única maneira de evitar o problema é não experimentar o primeiro drinque.

Este texto está representando o desempenho de mais da metade dos alunos, que produziram textos segundo a instrução descrita em 2.1, em que se solicitava o posicionamento do autor quanto aos fatores desencadeadores do alcoolismo e as alternativas para superação desse desafio da saúde pública brasileira. Para isso, deveriam observar a forma de organização do texto de opinião, com apresentação de tese (*São muitos os fatores que levam a pessoa a tomar o primeiro drinque, entre os quais estão os fatores físicos, mentais, sociais e espirituais*), argumentos (do segundo ao sétimo parágrafo) e conclusão (último parágrafo).

Neste exemplo, verifica-se que o aluno-autor seguiu a estrutura organizacional do *texto de opinião* lido antes da solicitação à produção textual, incorporando algumas partes da estrutura convencional deste gênero, e considerando o plano de idéias representadas segundo a instrução, exercitando, assim, a intertextualidade da semelhança formal.

Por outro lado, percebe-se que o autor recorre à intertextualidade implícita, como suporte para sua orientação argumentativa, ao utilizar dados estatísticos para reforçar seu ponto de vista sobre o tema, que, no entanto, ocorreu sem

indicação da fonte (ex.: *É bom lembrar que o alcoolismo é responsável por 75% de acidentes de trânsito com mortes, 39% de ocorrências policiais, além disso, 15% da população do país é alcoólatra.*). Essa estratégia revela a preocupação do aluno em validar suas informações com argumentos representados por dados de pesquisas sobre o assunto. Além disso, faz uso explícito da opinião de um dos especialistas referidos nos textos da coletânea, para marcar um argumento de autoridade através do discurso indireto (ex.: *Segundo Penny Wheeler, os fatores físicos se referem a má alimentação.*). Ou seja, para respaldar as asserções, o aluno-autor incorpora ao seu discurso de outro, fato que visa tornar sua informação digna de aprovação e/ou crédito.

O segundo exemplo, a seguir, demonstra novamente a tendência dos alunos a exercitarem a intertextualidade implícita, ficando a intertextualidade explícita em um plano de menor incidência, uma vez que a utilização dos mecanismos de escrita, que marcam as relações intertextuais, requer maior cognição sobre seu funcionamento, e pelo que foi constatado, os alunos não tinham conhecimento da relevância em se sinalizar citações utilizando recursos gráficos. Observe-se:

### Exemplo (2)

#### Alcoolismo: problema ou solução

O alcoolismo é considerado, na atualidade, um dos principais problemas de saúde pública em todo o mundo, problemas que tende aumentar a cada dia pois o álcool é buscado como solução de problemas emocionais, sociais, políticas e econômicas, ou seja, cada vez que os problemas do individuo aumentar mas ele buscará refúgio no álcool tornando-se dependente. O álcool da para o individuo uma sensação de poder, autoridade, além de fazer com que o mesmo se sinta amado, mas quando essas sensações passa, os problemas voltam maiores, onde será mais difícil de resolve-los.

*O alcoolismo é visto por psicólogos, médicos e uma pequena parte da população como uma doença que se caracteriza pela dependência do individuo pelo álcool, mas para o alcoólatra isso é mentira, pois afirma que o alcoolismo não é uma doença, e sim, a cura para os problemas. Mas pesquisa afirmam que isso não é verdade pois o álcool provoca doenças como cirrose hepática que é uma doença que ataca o fígado provocando o seu endurecimento, provoca também a ascite (barriga d'água) e formação de varizes no esôfago, uma outra doença é a pneumonia e tuberculose que se não for tratada no começo pode leva até a morte. Os alcoólatras afirma que o álcool exerce influencia sobre 12% da população brasileira. De qualquer maneira, estimula 90% das pessoas ingerem álcool de alguma forma e provoca 75% acidentes de trânsito com morte, 39% de ocorrências policiais e 40% de consulta psiquiátricas. Além disso, 15% da população do país e alcoólatra. Deste modo pode tirar duvidas e esclarecer que o alcoolismo é uma doença, onde provoca outras e causa dependência.*

Da mesma forma que o texto transcrito no exemplo (1), este texto evidencia que o autor recorreu às informações contidas na coletânea de textos estudada em sala como forma de fundamentar seus próprios argumentos. A prática da intertextualidade implícita se faz predominante no texto com a alusão às opiniões de especialistas, e com a representação das vozes destes através do discurso indireto, fato que explica a não utilização das aspas, em segmentos que estavam presentes na coletânea como *o álcool provoca doenças como cirrose hepática que é uma doença que ataca o fígado provocando o seu endurecimento, provoca também a ascite (barriga d'água) e formação de varizes no esôfago, e 90% das pessoas ingerem álcool de alguma forma e provoca 75% acidentes de trânsito com morte, 39% de ocorrências policiais e 40% de consulta psiquiátricas.*

Entendemos que a forma como o aluno-autor faz referência ao especialista, ao alcoólatra e à pesquisa, sem explicitar a fonte de onde foram retiradas as informações expostas em seu texto, poderia ser encarada, no âmbito científico, como vaga e genérica (ex.: *O alcoolismo é visto por psicólogos, médicos*). No entanto, verifica-se que, como se trata de um texto de opinião, que circula na esfera jornalística, a referência às vozes de outros autores, como a referida pelo aluno, neste exemplo, pode funcionar como uma estratégia argumentativa aceitável no domínio jornalístico, já que se trata da utilização do discurso indireto.

Outra prática intertextual que merece atenção nos dados analisados foi a da atribuição do intertexto a um enunciador genérico, que sofreu redução nos textos dos alunos, em relação aos dados obtidos na primeira fase desta pesquisa (ver Gonçalves, 2002). Com efeito, registrou-se menor incidência de enunciações que expressam o conhecimento de mundo partilhado pela coletividade, ou seja, chavões ou frases feitas, provenientes de enunciadores indeterminados. As poucas expressões genéricas que não especificam as informações dadas pelos alunos, estiveram presentes, ora em alguns títulos, como : *O alcoolismo na atualidade; O alcoolismo; Alcool e mídia*; ora em enunciados presentes no corpo do texto, como: *O alcoolismo é considerado, atualmente, um dos principais problemas de saúde pública em todo o mundo (...); o intermédio excessivo da mídia que por outro lado insetiva com propaganda conservadoras para os fracos.*

#### **4. Considerações Finais**

Alguns pontos devem ser destacados como relevantes na experiência de ensino de escrita aqui descrita: o primeiro é que os resultados da aplicação das atividades centradas na prática intertextual da leitura comprovaram que é possível sensibilizar os alunos quanto à necessidade de relacionar um texto a outro. O segundo ponto a se destacar diz respeito à compreensão de textos pelos alunos, o que se deu de forma satisfatória, visto que a partir do momento em que entravam em contato com o intertexto, tendia-se a garantir a ampliação de seus conhecimentos prévios. Essa constatação se fez com o registro de um considerável aproveitamento de informações dos textos lidos para produção textual, embora sem o devido uso dos mecanismos que tornam a relação explícita. Esse fato revela a necessidade de se fazer avançar/desenvolver o nível de utilização dos mecanismos lingüísticos e de reflexão crítica em que os alunos se encontram.

Por fim, considerando os resultados obtidos nesta experiência, verificamos que a prática da intertextualidade explícita na produção está relacionada com a capacidade do autor em acumular experiências de leitura, detectando vestígios de outros textos no texto que está lendo, percebendo as relações com outros objetos culturais e, portanto, tornando mais fácil a compreensão e o manuseio dos mecanismos lingüísticos. Fica assim evidente que a prática da leitura enfocando as relações de intertextualidade deve ser encarada com mais atenção como um requisito para o ensino da produção de texto.

## 5. Referências bibliográficas

BESERRA, Normanda da S. (2002) *Relações textuais em itens de avaliação de leitura*. Dissertação de Mestrado, Recife: Pós-graduação em Letras.

CORACINI, Maria J. (1991) A heterogeneidade como recurso argumentativo. In: *Um fazer persuasivo – O discurso subjetivo da ciência*. Campinas: Pontes, p. 147-171.

GONÇALVES, Marianka de S. (2002) *Escrita e ensino: seqüência didática sobre as relações intertextuais em textos de opinião*. Relatório Parcial de Pesquisa (PIBIC – CNPq/ UFPB). Campina Grande.

KOCH, I. (1997) A Construção de Sentidos no Texto: Intertextualidade e Polifonia. In: *A Construção de Sentido no Texto*. São Paulo: Contexto, p.46-57.

MESERANI, S. (1995) Intertextualidade. In: *O Intertexto Escolar – Sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez Editora, p. 59-75.

VIGNER, G. (1988) Intertextualidade, norma e legibilidade. In: Galves, C., Orlando, E. P. & Ottoni, P. (Orgs.) *O texto: Escrita e Leitura*. Campinas: Pontes, p.31-37.